

Alcanta
-47-

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO
MUNICÍPIO DE ESPERANÇA

MÁRCIA MARIA ROSA LEITE PASSOS

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1988

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO
MUNICÍPIO DE ESPERANÇA

MÁRCIA MARIA ROSA LEITE PASSOS

Monografia apresentada a Banca Examinadora,
composta pelos professores Marta Lúcia Ri
beiro Araújo (Orientadora), Waldomiro Caval
canti e Leonília Maria de Amorim (Membros)
indicados pela Comissão Coordenadora de tra
balhos monográficos do Curso de História.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
1988



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

Ao meu esposo Leonardo da Costa Passos e
aos meus filhos: Leandra, Patrícia, Ley
dejane Priscilla, Leandro Patrício, dedi
co este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Pelo dom de nos ter dado a vida, pela inteligência e pela capacidade de amar.

Aproveito o ensejo para agradecer a valiosa colaboração dos:

Meus pais: Inácia Rosa Leite e Severino Cavalcanti Leite.

Meus irmãos: Marwell, Marcilde, Mércia, Marcos.

Minha sogra e cunhados: Antonia Passos, Maria da Glória Passos, Carlos, Marccone, José Passos, Alcides.

De amigos: Maria José Wanderley, Maria das Graças Silva Vasconcelos, que nos momentos de dificuldades me ajudaram no desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos,

Senhor Dr. João de Deus, Marinaldo Elias Batista, José Antônio de Araújo, Nivaldo Mariano de Magalhães, Manoel da Costa Ramos.

Ao calor do estímulo dos meus colegas de História. A turma.

A nossa Coordenadora: Eliete Gurjão

A minha Orientadora: Marta Lúcia Ribeiro Araújo

A minha orientadora do projeto deste mesmo tema: Jenny da Costa Silva.

Ao meu esposo e filhos: Leonardo, Leandro, Leandra, Leydejane, o meu reconhecimento especial, pelas minhas ausências.

Ao colega do curso e datilógrafo deste trabalho: Maelson.

Aos meus professores: Lúcia Guerra, Socorro Xavier, Leonília Amorim, Zefinha Gomes, Marta Lúcia, Odete Amorim, Michel Zaidan, Josemir Camilo e Durval Muniz.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
A PECUÁRIA FATOR DE INTEGRAÇÃO DO INTERIOR NORDESTINO.	3
CAPÍTULO II	
ESPERANÇA - FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO	6
FASE AGRO-PASTORIL	6
CAPÍTULO III	
TRANSIÇÃO PARA UMA FORMAÇÃO MERCANTILISTA	10
CAPÍTULO IV	
ESPERANÇA SÉCULO XX. A CULTURA DA "BATATA INGLESA".	15
CONCLUSÃO	24
BIBLIOGRAFIA	26

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho, foi elaborado com a finalidade de atender as exigências finais do Curso de Bacharelado em História. Resulta também de nossa prática diária, já que ligada por residência a cidade de Esperança, tínhamos interesse em conhecer sua História.

Tentamos também quebrar o caráter meramente informativo tentando compreender e interpretar, o desenvolvimento de Esperança, como parte de um processo maior, ligado às transformações ocorridas no Brasil e no mundo.

O que nos interessou estabelecer foi a Evolução do Município de Esperança, tendo como referência o seu processo produtivo. Para atingir o nosso objetivo utilizamos o método histórico, isto é, privilegiamos as categorias, espaço-tempo e a ordem cronológica.

Utilizamos como base para nossa pesquisa o material bibliográfico disponível sobre a cidade: pesquisas em arquivos pessoais, a documentação tradicional, jornais, revistas, almanaques, decretos oficiais, livros contidos nas bibliotecas públicas e pessoais. E com relação ao terceiro capítulo, utilizamos, principalmente entrevista pessoais, com vários setores da sociedade, isto é com diferentes tipos de proprietários, moradores e assalariados rurais, visitamos também a prefeitura, agências locais da EMATER e do IBGE e da CIBRAZEM. Vale salientar que os mesmos permitiram pesquisar melhor o desenvolvimento da economia de Esperança. (Ver formulário de questionário no anexo 1-2).

A monografia ficou constituída de quatros capítulos:

No primeiro capítulo: A Pecuária Fator de Integração do Interior Nordestino. Teremos considerações gerais sobre a Pecuária.

No segundo capítulo: Esperança, Formação e Evolução. Fa se Agro-Pastorial. Procuramos analisar a origem da cidade, quer no ponto de vista tradicional, quer do ponto de vista histôri co, verificando o processo de ocupação do espaço pelas primei ras sesmarias e a evolução da Pecuária.

No terceiro capítulo: Transição para Formação Mercanti - lista. Procuramos traçar as bases de integração de Esperança a uma ordem mercantil, com o desenvolvimento de culturas como o algodão e o fumo.

No quarto capítulo: Esperança. Séc. XX. A Cultura da Ba tatinha Inglesa. Analisamos o processo de produção e comercia - lização da batatinha em Esperança, verificando a sua inserção na economia capitalista nacional.

CAPÍTULO I.

PECUÁRIA - FATOR DE INTEGRAÇÃO AO INTERIOR NORDESTINO

A pecuária trata da criação de animais usados na alimentação, no vestuário e na tração (transportes); desempenhou importante papel na colonização e ocupação do interior Nordeste no. Num primeiro momento esteve subordinada a outras atividades, como agricultura de exportação, nos séculos XVI e XVII (cana-de-açúcar e tabaco), e a mineração no século XVIII.

As primeiras cabeças de gado bovino chegaram à Capitania de São Vicente em 1535⁽¹⁾. Nesta época, também chegaram os primeiros equinos, muares, suínos, ovinos e caprinos. Devido a vários fatores (relevo, abundância de pastagens naturais, mercado consumidor. No final do século XVI a pecuária bovina abastecia as cidades de todo o litoral Nordeste, desde o Matanhão até a Bahia, expandindo-se via rio São Francisco até o norte de Minas Gerais. No sul do Brasil a criação de gado foi desenvolvida inicialmente pelos padres Jesuítas, nas Missões próximas do rio Uruguai. Com a guerra entre os bandeirantes e os jesuítas, a partir de 1628, o gado das Missões dispersou-se pelos pampas, gerando espécies rústicas, que seriam depois capturados pelos fazendeiros locais. De tal forma a pecuária se desenvolveu nos primeiros duzentos anos do Brasil-Colônia, que no início do século XVII o rebanho brasileiro já alcançava cerca de 1.500.000 cabeças.

(1) CIVICA, Victor. *Conhecer Universal*. São Paulo, 1982. p.196.

A própria natureza da pecuária, faz dela, o maior fator de penetração, conquistando território para além do Tratado de Tordesilhas⁽²⁾.

A pecuária Nordesteira, requerendo muito espaço expandiu-se utilizando o sistema extensivo e os cursos d'água. O gado é tangido e são lhe dispensados muito pouca atenções, o maior cuidado consiste em evitar o seu extravio e reuni-lo para ser utilizado. Nesse sistema o gado pasta na Caatinga durante a estação chuvosa, quando a pastagem é abundante e rica, enquanto na serra os agricultores cultivam o milho, feijão, algodão e outros produtos. Ao chegar a estação seca essas lavouras já foram colhidas, as pastagens secas das Caatingas já nada oferecem ao gado e os criadores transferem os animais para as serras, a fim de alimentarem do restolho das plantações. Logo estes animais, em geral caminham muito e não adquirem grande porte e peso, os bovinos só chegaram ao ponto de açougue após cinco ou seis anos de idade e nunca ultrapassaram oito arrobas⁽³⁾.

Segundo o professor Waldomiro Cavalcanti, a articulação que o gado realizou subordinando o seu modo de produção ao modo escravista é ditado pela divisão interna do trabalho.

Esse teria sido o principal estímulo entre o curral e o sítio, entre o engenho e a fazenda. O gado teve de se afastar do litoral em busca de espaço por onde expandir-se, mas não deu tal penetração sem antes haver provocado repetidos conflitos entre criadores e lavradores, até que na Carta Régia fixou na área de criação a mais de dez (10) léguas da costa⁽⁴⁾.

(2) MICHALANY, Douglas. *Atlas Histórico Geográfico do Brasil*, 2.^a ed. Michalany. São Paulo. 1987. pg. 37 e 38.

(3) ANDRADE, Manuel Correia. *A Terra e o Homem no Nordeste*. (São Paulo, Brasiliense). p. 160-5 e 194-8 e *a Pecuária no Agreste Pernambucano* (Recife), (1961).

(4) CAVALCANTI, Waldomiro. *A Formação Econômica do Nordeste*. p.

Enfim a fazenda de gado no Nordeste era caracterizada como um tipo de latifúndio em que o proprietário territorial se distanciava da produção e passava a embolsar a renda agrária, viabilizada com o abastecimento da zona Canavieira. Evidentemente o caráter da sociedade pecuária é mais democrático, e as diferenças sociais são menores, porque quase não havia escravo, sendo o trabalho livre e assalariado a forma de relação entre os trabalhadores e os fazendeiros.

Com relação ao município de Esperança, a pecuária extensiva teve uma importância fundamental para o núcleo em formação, dividindo com a agricultura de subsistência o monopólio do processo produtivo em gestação.

CAPÍTULO II

ESPERANÇA - FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO

FASE AGRO-PASTORIL

As primeiras informações que conseguimos sobre a área que hoje constitui o Município de Esperança datam da segunda metade do século XVIII. É a documentação referente a presença do colonizador, através de Cartas de Sesmarias⁽¹⁾.

O povoado de Banabuié, hoje cidade de Esperança, foi fundado em 1862, num pátio de uma fazenda que tinha o mesmo nome. Esta povoação não tinha ainda trinta anos, quando em razão da situação geográfica foi estabelecida uma feira de gêneros alimentícios, que passou a vender os produtos agrícolas de subsistência produzidos nas fazendas e sítios.

Segundo Epaminondas na parte oriental do Agreste a lavoura continuou tomando terreno à criação. Ao passo que diminuía o número de fazendas aumentava o de "Casa de Farinha".

A mudança do travessão incentivou ainda mais o cultivo de mandioca, fumo, algodão e outros cereais(2).

Entretanto, de acordo com a tradição, a criação do núcleo que vai dar origem a cidade de Esperança está ligada à figura de Zé Luis, um nordestino criador com meia dúzia de vacas paridas no curral e um cem ou duzentos garrotes e novilhos soltos

(1) SOBRINHO, Reinaldo de Oliveira. Esboço de monografia do Município de Areia, João Pessoa & B. Imprensa Oficial, 1988 (Coleção e Arquivo Paraibano), p. 124-125.

(2) CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. Departamento de Publicidade. João Pessoa-Paraíba, 1942. p. 39.

no pasto. Seus pais e avós, se haviam radicado na chapada da Serra da Borborema e por ali sempre viveram, ficando a maior parte de seu tempo no lugarejo Pocinhos e passados os invernos num pequeno sítio à sombra da imensa rocha que guarda um pouco de umidade nos terrenos do nascente. O pitoresco local era conhecido como Banabuié, onde "as gameleiras" com que a rua principal da primeira vila estava arborizada foram estacas dos currais de uma das fazendas.

Ainda no século XVII por ali apareceram os bandeirantes que passaram na Serra da Borborema vindos do litoral, prendendo índios e tangendo suas sementes de gado. Eram os "Oliveira Le do", primeiros colonizadores do Sertão Paraíbano, deixando seus vaqueiros pastoreando nos serrotes do Cariri, pois as imensas pastagens da ribeira do Piancó já eram rota batida pelos bandeirantes do baiano Afonso Sertão.

O local onde hoje se localiza o Município de Esperança será habitado pelos índios Carirís⁽³⁾. Segundo consta, esta tribo aqui se estabeleceu, atraída pelas possibilidades de farta caça e fácil acesso à água depositada no tanque de Araçã. O local era denominado na língua nativa de Banabuié.

Próximo ao tanque de Araçã, foi levantada uma casa de taipa pelo português Marinheiro Barbosa (no local hoje denominado Beleza dos Campos), depois ele apossou-se de todo o terreno, onde se situa o centro urbano nos dias atuais.

Com a instalação destes colonos, tudo indica que as relações com os nativos não foram vantajosas para estes últimos, que tiveram de se deslocarem para outras regiões onde pudessem sobreviver e preservar seus costumes. Nada sabemos do destino destes

(3) Índios Carirís (ou os tristonhos) pertencem segundo os etnógrafos, a um ramo diferentes da família dos Tabajaras e Potiguares.

primeiros colonos, mas a hidrografia informa a presença de três de seus irmãos, "Antonio, Lauriano, Francisco Diniz", estabelecidos no local onde construíram casas de taipa no prolongamento que deu origem a Avenida Manuel Rodrigues de Oliveira⁽⁴⁾.

A primeira missa celebrada em Esperança foi rezada por Frei Venâncio, iniciador das obras da Capela, cuja estrutura deu origem a Matriz, fundada em 1860, tendo como padroeira Nossa Senhora do Bom Conselho. Nesta época já se alinhavam vários vivendos numa ordenação urbana bastante rústica, pelas proximidades dos currais e fazendas. A construção da Capela, segundo consta, foi financiada por uma senhora (Maria Barbosa), atendendo uma promessa feita contra o surto de cólera-morbus que grassava na vila.

De acordo com a tradição foi esse o início do núcleo que deu origem a atual cidade de Esperança.

O escritor e pesquisador Coriolano de Medeiros⁽⁵⁾, afirma que a mudança do nome Banabuié, para Esperança foi sugestão do Padre Ibiapina⁽⁶⁾ quando ainda a cidade não tinha seus limites definidos, estando uma parte do termo pertencente a Laranjeiras

(4) SÓARES, Sidney. *Sua História e Gente*. Editada em comemoração ao 1º aniversário de fundação do Estado da Paraíba aos vinte e três anos de luta e glória do "Correio da Paraíba". João Pessoa, PB, 1967. *Dicionário Corográfico da Paraíba*, p. 185.

(5) MOUSINHO, Everaldo. *Cinquenta Anos de Emancipação Política de Esperança* João Pessoa, PB. Edição Especial "Aspecto" (Revista), 1975. p. 10-19.

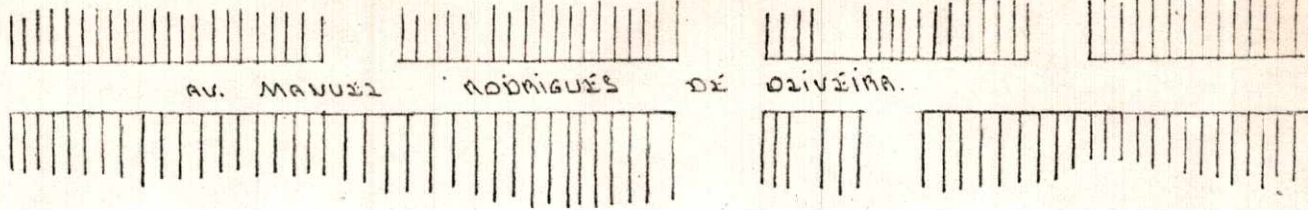
(6) ALMANAQUE, da Paraíba. João Pessoa-PB, Editora Almanaque da Paraíba Ltda, 1973. p. 17-71: Infelizmente não conseguimos o livro de Coriolano de Medeiros e usamos a citação extraída do Almanaque.

e a outra ao sítio de Alagoa Nova. Esperança foi agraciada como freguesia em 20 de maio de 1908, tendo sido seu primeiro vigário o Padre Francisco de Almeida.⁽⁷⁾ A ascensão da vila para cidade se deu pelo Decreto-Lei nº 624 de 10 de dezembro de 1925 que também determinava sua área territorial, desmembrando a parte que pertencia antes a Alagoa Nova. Esta vitória se realizou graças ao esforço do Coronel Sobreira⁽⁸⁾.

Historicamente, igual a outros núcleos urbanos do Agreste, Esperança teve sua origem com a divisão do trabalho entre a Zona da Mata e o Agreste ficando este último com a função de abastecer os engenhos com a carne e gêneros alimentícios produzidos no Agreste. Inicialmente o gado foi responsável pela quase totalidade da atividade econômica da região, depois em razão do aumento populacional decorrente do crescimento das atividades da agricultura, de subsistência, dos pequenos produtores, a atividade agrícola foi incentivada, começa a surgir uma incipiente produção agrícola, principalmente de "Casas de farinha", que vai contribuir para o início de uma atividade mercantil no núcleo nascente.

(7) COSTA, Everaldo Dias. *Arquivo Paroquial de Esperança, 1962*. p. s/nº. (Datilografado).

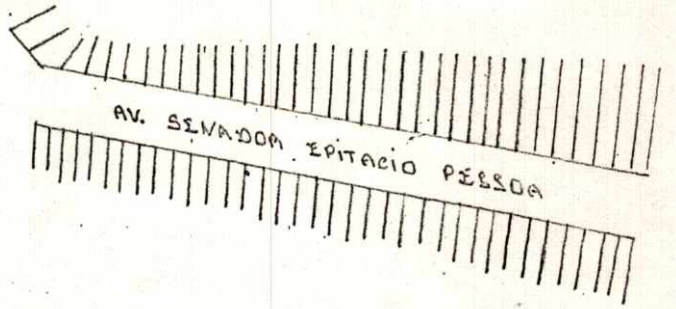
(8) *Idem*, s/p.



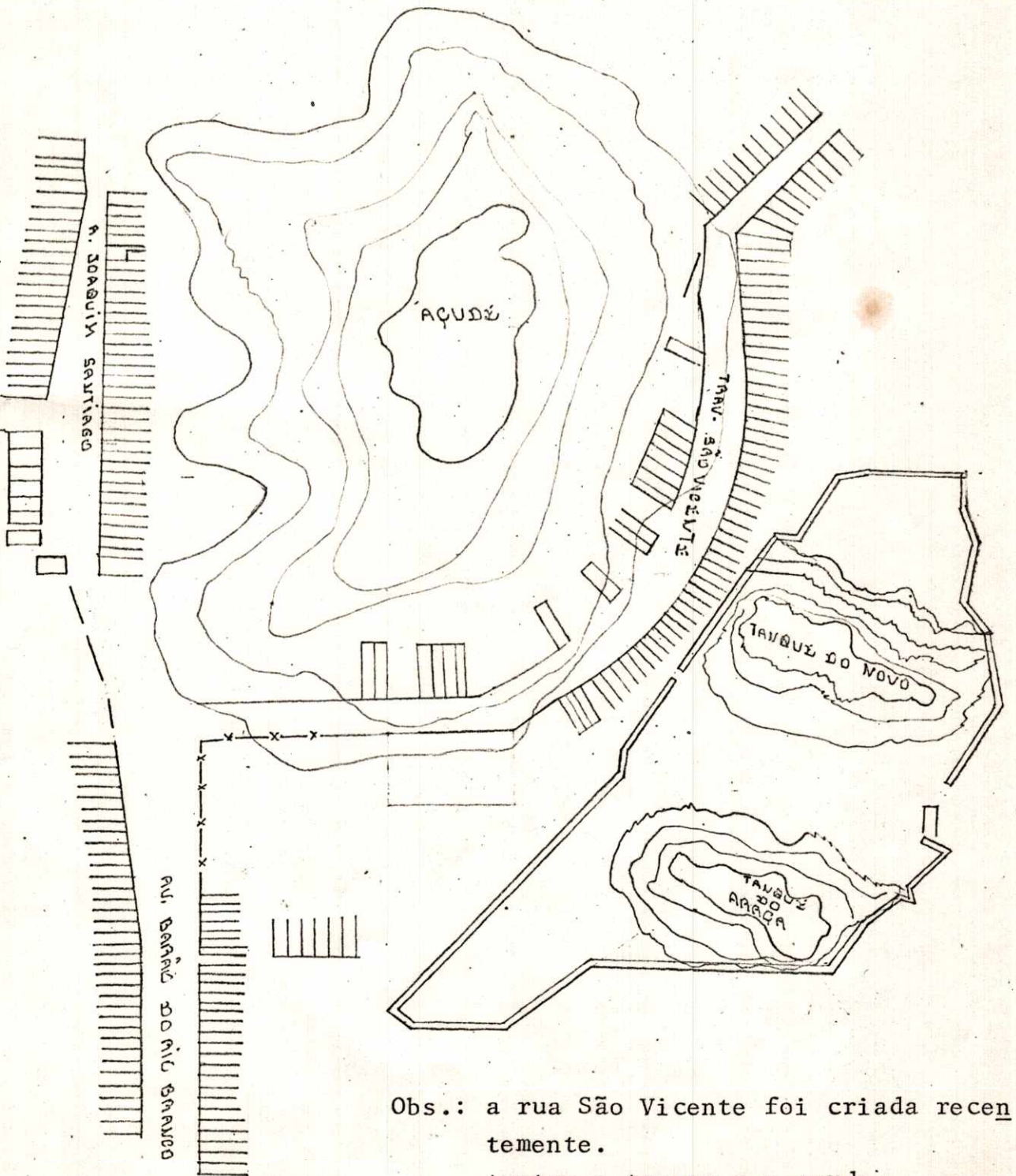
AV. MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA.

MAPA DA CIDADE DE ESPERANÇA

Primeiras ruas fundadas em
Esperança. Retirado - Mapa
utilizado em 1973.



AV. SIMÃO EPITÁCIO PESSOA



Obs.: a rua São Vicente foi criada recen-
temente.
(entre o tanque e o açude).

CAPÍTULO III

TRANSIÇÃO PARA UMA FORMAÇÃO MERCANTILISTA

O século XIX assinalou, de fato, substanciais mudanças nas forças produtivas e nas relações de produção da economia brasileira. A nova divisão do trabalho, que o capitalismo financeiro ia gerando, gradativamente, estabelecia as relações entre as regiões do país⁽¹⁾.

Estas mudanças se processam condicionada pelo Capitalismo monopolista e a formação de um mercado interno que se efetiva com a divisão técnica e social do trabalho.

A zona do Agreste desenvolveu em função do algodão, ao passo que o povoamento, dos brejos paraibanos, está ligado a evolução da agricultura de subsistência.

Em relação a produção algodoeira, o aumento da população e o conseqüente aumento do consumo de tecidos ordinários como o chamado algodãozinho, a descoberta da máquina a vapor e o seu emprego na indústria têxtil na Inglaterra e a conseqüente Revolução Industrial, a abertura dos portos das nações amigas por D. João VI em 1808, e os eventos políticos internacionais como a Guerra de Sucessão, eliminando o mercado internacional, os Estados Unidos, por período relativamente longo, contribuíram para a sua expansão.

Segundo Celso Mariz, em 1798, já havia culturas regulares e bolandeiras, para descaroçar o algodão na Paraíba. Neste período no município de Esperança existiam três bolandeiras, embora bastante rudimentares.

(1) LÚCIA, Martha. *Formação e Evolução do Município de Campina Grande*. 1980. p. 13.

O cativo foi regularmente utilizado na lavoura algodoeira que representava fonte de renda importante para o município.

Podemos concluir que o algodão foi produzido em grandes propriedades, entretanto como o algodão não exigia grandes capitais para sua expansão, nem exigia avultados números de braços para o seu cultivo, a lavoura algodoeira estava ao alcance de sitiantes, moradores, pequenos proprietários.

No século XIX intensifica-se também, o aumento demográfico que iniciou-se no século anterior, quando não podendo a pecuária absorver a mão-de-obra agrestina, agregados de fazendeiros tornaram muitas vezes fareiros agricultores e rendeiros que abasteciam o Agreste de gêneros alimentícios, e quando a cultura e o comércio do algodão abriram condições, passaram a fornecê-los a Zona da Mata e ao Sertão.

No seio deste modo de produção localizado no Agreste e no Sertão, amadureceram forças produtivas que a partir do século XIX, irão iniciar um processo a longo prazo, de desagregação do sistema original, dando impulso à construção de um modo de produção mercantil fazendo surgir centros urbanos, entre os quais se estabeleceu um ativo comércio a curta distância, que pressupõe uma fase de transição ou pré-capitalista na formação econômica do Nordeste⁽²⁾.

O litoral sofre as modificações introduzidas pela industrialização do setor açúcareiro, com os engenhos centrais e o início das usinas transformando a Zona da Mata, exclusivamente de monocultura para exportação e condicionando o interior a ser fonte abastecedora da mesma.

(2) CAVALCANTI, Waldomiro, *op. cit.*, p. 8.

No caso específico de Esperança é sintomático que a partir de 1870 a pecuária estava cedendo lugar à agricultura e ao passo que diminuía o número de fazendas, aumentava o de "Casa de Farinhas".

Intensifica-se o comércio de farinha de mandioca e de outros cereais, graças à fácil saída para o interior através de várias estradas: Sertão e Cariri.

Estas estradas faziam de Esperança nos séculos XVIII e XIX o ponto de convergência de todo interior da Paraíba e regiões vizinhas e cada vez mais se acentuava pela abertura de estradas vizinhas.

Com a estrada de ferro a vila de Esperança começou a crescer e seu comércio ressurgiu vencendo imediatamente Alagoa Nova, Pocinhos e Areia. Ponto terminal de trens para ela foram convergindo os tropeiros e boiadeiros do interior. O mercado interno começou a se estabilizar embora de forma dependente ao mercado regional e nacional o que determinava os rumos para a transformação de Esperança em centro mercantil.

O surgimento da cultura do algodão e do fumo, inicia, portanto, o processo de mercantilização da região.

Não só os fazendeiros, sitianteiros, meeiros, posseiros etc, aderem à nova cultura. A vila surge como centro polarizador da região e é nesta época que consegue o fundo de acumulação que vai viabilizar a sua transformação em centro mercantil importante, tornando-se ponto de convergência do comércio da região "Alagoa Nova, Pocinhos, Areial, Areia".

Como é sabido que a lavoura algodoeira tem seu ciclo vegetativo curto, logo não era vantajoso manter braço escravo durante todo ano, já que proporcionava ao negro somente de maio a dezembro, ficando alguns meses desocupados. Com a grande elevação do preço do cativo depois de 1850, é que os fazendeiros percebe

ram que seria menos dispendioso utilizar moradores ou pagar baixos salários a homens livres do que comprar escravos, no momento em que se torna difícil e representava uma grande inversão de capital. A mão-de-obra livre era utilizada sobretudo na época da colheita quando se torna necessário o recrutamento de maior quantidade de trabalhadores⁽³⁾.

A necessidade de fornecer o algodão a baixo custo e nas impossibilidades de utilizar uma forma de produção baseada em plantation que diminuiria os custos, a saída para os fazendeiros foi conseguir a sua margem de lucro pela exploração dos moradores que recebiam uma remuneração mínima, já que o necessário para sua reprodução eles conseguem nas lavouras de subsistência, plantada ao mesmo tempo que o algodão.

A grande valorização do algodão, no mercado externo, trouxe não só grande abundância aos fazendeiros, mas também, proporcionou o desenvolvimento sócio-econômico de Esperança, contribuindo para maior arrecadação fiscal da cidade.

Estabelece-se aqui a estrutura fundiária típica de latifúndio: o fundo de acumulação é dado pela cultura de subsistência do morador, do meeiro, do posseiro, que viabilizam por esses mecanismos, um baixo custo de reprodução da força de trabalho, o que determinava o baixo valor do algodão⁽⁴⁾.

Já o fumo é cultivado nas regiões de clima quente ou temperado e tem um ciclo vegetativo curto. Sua cultura é quase sempre de forma intensiva exigindo muito trato, adubação e grandes

(3) SOARES, Diana Galliza. *O Declínio da Escravidão na Paraíba. 1850-1888*. Editora Universitária-UFPB, João Pessoa, 1979. p. 24-30.

(4) OLIVEIRA, Francisco. *Elegia por Religião*. Editora Paz e Terra. p. 41.

capitais. O custo de produção, é atenuado, de vez que e pode fazer rotação com outras culturas: mandioca, milho, algodão.

No entanto, na região Agrestina, em particular no município de Esperança, geralmente o fumo é cultivado em rotação com o milho ou mesmo sô, o qual é destinado ao consumo interno.

Vale salientar que Esperança, em 1925, quando elevada à categoria de cidade, já se apresentava como centro polarizador da região estabelecendo-se pequenas indústrias artesanais, principalmente de sapatos, semelhantes às oficinas medievais.

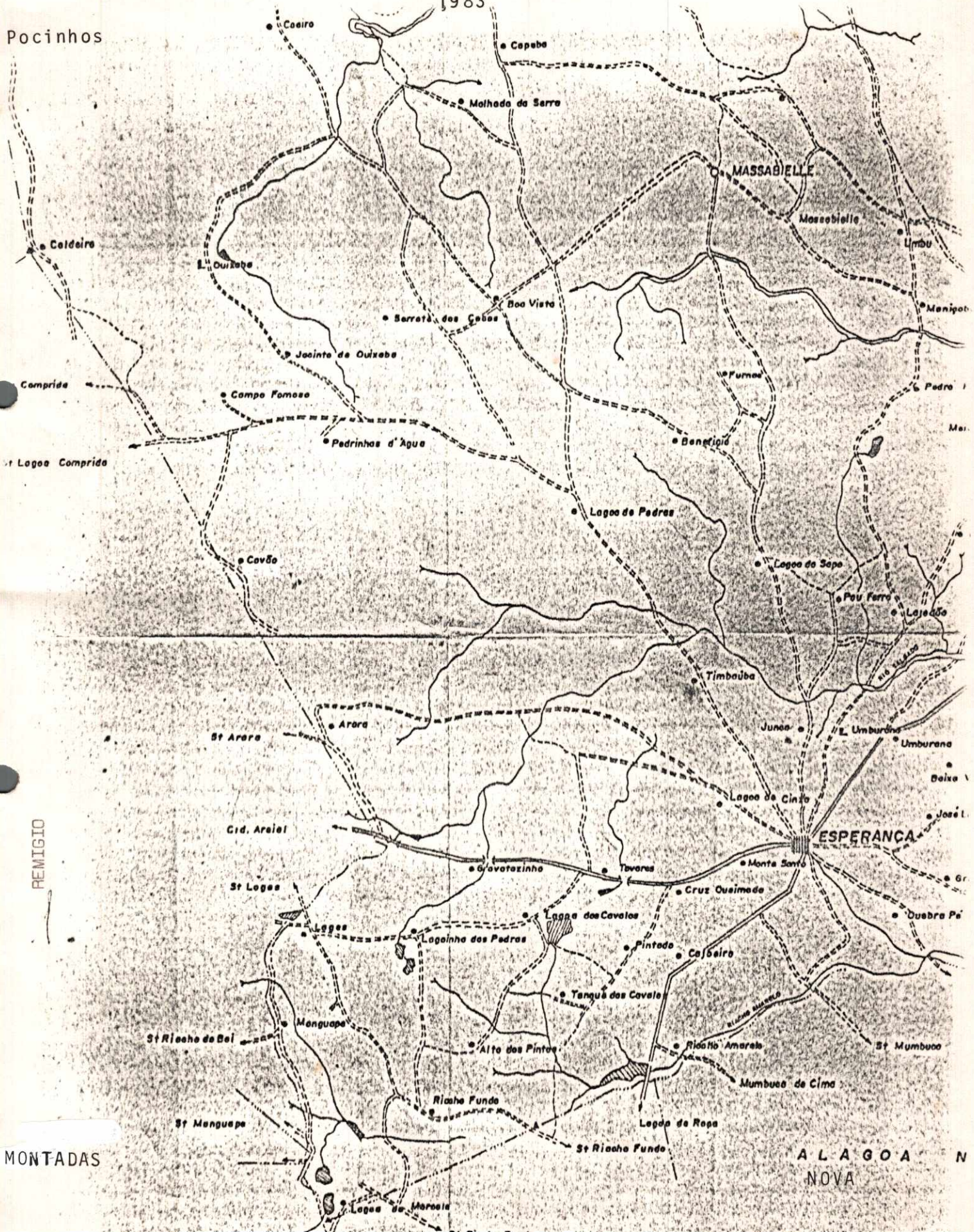
Na segunda metade do século XIX, Esperança já contava com várias casas comerciais, como foi o caso das Lojas Ideal, lojas comerciais pertencentes a Teotônio Costa, José Galdino e Fausto Basto e também com a filiação das Lojas Paulistas, indústrias de calçados, de tecelagem (redes, cobertores) e de fogos de artifícios, existindo casas fornecedores de matérias-primas para a fabricação destes produtos. Neste período já existiam farmácias (boticas) que preparavam os remédios que vendiam, várias padarias e o mercado central.

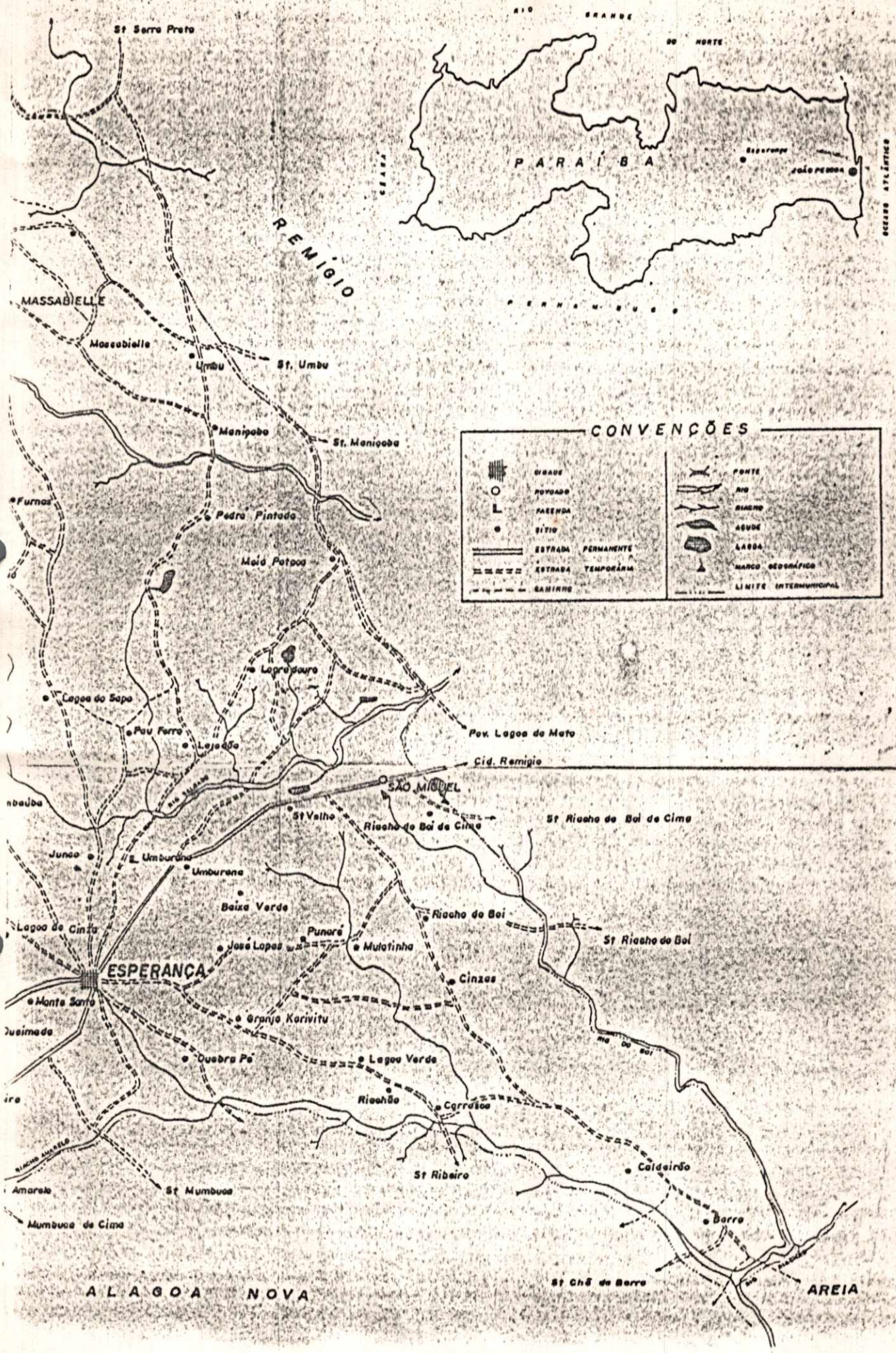
Em 1808 foi criada a Paróquia, tendo como primeiro Vigário Francisco de Almeida. Em 1872 a primeira Escola Pública, em 1884, a Agência de Correios e Telégrafos, em 1887 o primeiro Cartório, do Juizado de Paz, sendo o primeiro escrivão de Paz, José Pereira Brandão Souto. Em 1925 foi criado o primeiro Posto Fiscal e o Conselho Municipal; "a Prefeitura e a Delegacia", e finalmente em 1926 é organizada a Banda de Música.

Todo este processo indica, que tinha sido criado um fundo de acumulação que permitiu à cidade se constituir num polo mercantil importante na região.

MUNICÍPIO DE ESPERANÇA
ESTADO DA PARAÍBA

1983





CAPÍTULO IV

ESPERANÇA SÉCULO XX, A CULTURA DA "BATATA INGLESA"

A partir da 2.^a Guerra Mundial, intensifica-se o processo de industrialização do país, processando-se também uma redivisão inter-regional do trabalho. O Sudeste tinha grande parte de sua estrutura produtiva voltada para a agricultura, quando começa a industrializar-se, repassa esta tarefa para o Nordeste. O Sul passa a ter como atividade principal a indústria. A partir daí, a tendência é de que o Sul e o Nordeste, em suas relações de troca com o Sudeste, tenham que vender mais produtos primários para comprar produtos industrializados.

A construção de novas estradas que proliferam neste período contribuíram para o crescimento da atividade mercantil.

No Agreste de Esperança cresce a atividade do cultivo da batatinha iniciado desde os anos de 1920, justamente na gestão do governo de Antenor Navarro, comprada no mercado de Recife por 4 mil réis a arroba. No início o plantio desta teve a finalidade a título de experiência. Esta veio da Holanda (a chamada batata francesa) da Alemanha e da Inglaterra.

A partir dos anos 60, verifica-se o processo de modernização dos pequenos produtores de batatinha que tem de ser compreendidos da expansão capitalista e das particularidades inerentes a produção da batatinha e reprodução da unidade familiar.

Os produtores familiares na sua luta pela sobrevivência, são alugados a se integrar de forma crescente às regras do jogo, impostos pelo capital que vai lentamente minando as especificidades sócio-econômicas e a autonomia que a pequena produ-

ção teve anteriormente.

Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, a batata inglesa constitui-se no quinto alimento mais consumido na alimentação brasileira (Quadro I). Já em 1966, a batata inglesa apresentava um consumo per-capita estimado nas áreas urbanas em 14,8, e nas áreas rurais 7,9, tendo uma elasticidade da renda em relação a demanda de batata inglesa no Nordeste positiva em 41. Fica patente portanto, que com o crescimento da população a demanda total continuará crescendo.

Quadro I - Consumo Per-Capita e Elasticidade Renda da Demanda de Produtos Alimentícios Básicos.

Produtos	Consumo per-capita no Brasil (quilos)			Elasticidade Renda da De manda no Nor deste.
	Urbano	Rural	Combinado	
Feijão	19,6	34,8	28,0	0,18
Arroz	34,8	40,3	39,4	0,53
Mandioca	40,0	199,6	124,6	- 0,10
Milho	4,0	29,6	17,6	0,66
Batata	14,8	7,9	41,0	1,09

Fonte: Fundação Getúlio Vargas - Projeções da Oferta e Procura dos Produtos Agrícolas do Brasil. Vol. I, 1966. Páginas 86 infolio.

A produção da batatinha é feita em pequenas propriedades numa média de 2 hectares por produtor. A posse da terra desses pequenos produtores, segundo constamos na pesquisa e informações dos técnicos da EMATER-PB, há uma quantidade considerável de produtores que não têm a posse da terra, porém têm acesso ao uso de fruto desta, sem no entanto, haver os tipos de relações de produção como parceria e outros.

A cultura da batatinha requer tratos especiais. Além de uma capina normal, ela necessita de adubação química e orgânica. Os campos são cuidadosamente preparados e tratados. O plantio é efetuado em beiras com um espaço de 20cm, utilizando-se muitas vezes esterco de curral e apenas 10% fazem a aplicação de adubo químico de fundação, e a adubação de cobertura, 20 dias após o plantio de sulfato de amônia ou uréia usada pela totalidade dos agricultores. A batata também é sujeita a doenças e pragas, a causa destas doenças são fungos, bactérias ou vírus. As doenças são controladas através de pulverizações sistemáticas com base de cobre e zinco e às pragas são controladas pela aplicação inseticida clonados.

O trabalho humano é considerável, sendo mais comum o uso da enxada que a do arado de tração animal. A mão-de-obra utilizada é familiar, embora eventualmente se contrate assalariados e diaristas, não se utilizando a mecanização agrícola.

Quem produz a batatinha são pequenos produtores em minifúndios. Eles se responsabilizam pelas sementes e fazem o cultivo da batata solteira (somente batata) enquanto outros fazem consorciada com o algodão herbáceo, feijão, milho, e batata doce.

Existem dois períodos para o plantio: o 1º plantio, chamado Plantio das Secas no mês de março (pequena quantidade), e o 2º período de Maior Intensidade, situado entre 15 de abril e 15 de maio. O ciclo da cultura é de 90 dias entre o plantio e a colheita. O "pique da safra" ocorre normalmente entre julho e agosto. A batatinha mais cultivada é a Araci, a Baracka e Delta. Esta classificada nos tipos 1, 2, 3, 4, tendo mais valor os tipos 3 e 4 que são destinados para sementes.

A produção da batatinha não fica imune às políticas esta

tais de crédito e subsídios que leva o pequeno produtor a integrar a maior parte do seu lucro ao sistema financeiro.

Logo o crédito institucional é insuficiente, e quando existente, chega a ser inoportuno, com atraso nas liberações das parcelas, prejudicando os plantios e o abastecimento.

As exigências de garantias constituem-se no principal entrave com relação ao fornecimento de crédito ao pequeno produtor. Na maioria das vezes são solicitadas a terra e a produção agrícola como garantias reais, em muitos casos, a hipoteca do imóvel é pré-requisito indispensável para a concessão de pequenos empréstimos para o custeio da produção, além do aval da Emater.

Nem sempre à época de liberação dos financiamentos e os prazos fixados para resgate são favoráveis aos pequenos agricultores. A excessiva burocracia bancária, leva o agricultor a perder tempo e dinheiro, o que desestimula o crédito bancário.

Em razão do já exposto atualmente no município de Esperança, o próprio gerente do Banco do Brasil afirmou que no ano passado (1987), 350 produtores fizeram empréstimos para o custeio da batata, mas devido as secas, ocorreu grandes prejuízos para os produtores e estes não conseguiram saldar seus compromissos financeiros com o banco. Devido a tais fatos este ano (1988) apenas 5 produtores fizeram empréstimos. Ver anexo III.

Enfrentadas todas as dificuldades, quando o pequeno produtor consegue o crédito, os juros extensivos aliena a maior parte dos seus lucros desde a compra de insumos e gêneros básicos até a venda de seus produtos.

Por outro lado as dificuldades para a obtenção e utilização dos financiamentos às fontes institucionais de crédito rural levam o pequeno agricultor a recorrer a comerciantes ou

atravessadores para suprirem suas necessidades de custeio de produção e obrigando-o ao pagamento de taxas de juros ainda mais extorsivas.

Entretanto, inegavelmente o crédito agrícola se transformou em grande impulsionador da produção da batatinha. O Agreste de Esperança é, de longe, o maior produtor de batatinha da Paraíba, totalizando seus municípios 86% da produção estadual (ver tabela abaixo).

Produção de batatinha inglesa nos municípios do Agreste de Esperança e no Estado, em 1975.

Municípios	Quant. (t)	% do total
Alagoa Nova	33	1,56
Areial	501	23,69
Esperança	628	29,69
Montadas	275	13,00
Puxinanã	104	4,92
S. S. de Lagoa Seca	283	13,38
Total Região	1.824	86,24
Demais Municípios	291	13,76
Total do Estado	2.115	100,00

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE, 1975.

A comercialização da produção é feita após a colheita e por ser um produto básico diretamente orientado para o mercado interno tem o preço controlado pelo governo. Também os bataticultores têm acesso aos preços de mercado através de contatos com os vizinhos e programas de rádio transmitidos pela Emater e em reuniões da Associação de Produtores e CIDAGRO (ver ane-

As formas mais centralizadas de comercialização, a necessidade de controlar o abastecimento das grandes cidades e o desejo de limitar, dentro do possível, a alta de preços tem determinado uma intervenção crescente do Estado no setor da comercialização, através da criação de uma rede de centralização da produção em centros de abastecimento. Assim, a maior parte da batatinha de Esperança é comercializada Via Cidagro (Companhia Integrada do Desenvolvimento Agro-Pecuária da Paraíba), atacadista da CEASA, intermediários locais e de outros estados e ainda é feita através do atravessador que compra a produção de porta em porta. Em outros casos o produtor leva a sua produção a CEASA (Campina Grande) e só uma minoria leva a produção ao Mercado Central. E na medida em que a produção de batatinha torna-se cada vez mais capitalizada vai eliminando o comerciante tradicional e da feira como mecanismo de comercialização.

Os grandes atacadistas estão cada vez mais entrando no processo da compra direta do produtor, eliminando assim a cadeia de intermediários, o que de certa forma reduz os custos da comercialização.

Já os varejistas atuam no mercado central, em feira livre etc. Basicamente adquirem a batata na CEASA (de Campina Grande), juntamente com outras mercadorias.

O comportamento dos intermediários e atacadistas no mercado de comercialização da batatinha no Município de Esperança é muito competitivo, porém com fortes barreiras à entrada e saída de novos agentes. (Ver anexo V)..

A maior parte dos intermediários possui mais de 10 anos na atividade, chegando mesmo a ter quase a vida toda dedicada ao ramo como é o caso do Sr. Manoel Sebastião da Costa que é atacadista de batatinha (atualmente atuando na CEASA de Campina Grande) há 47 anos.

Sabe-se também que a produção se destina ao consumo dentro da própria região e ao mercado externo como nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas e Pará. Entretanto, a comercialização da batata tem sofrido ainda uma grande queda de preços, a nível de produtor em decorrência da coincidência da safra de São Paulo e Paraná que chegam ao nordeste a preços competitivos.

Já a batata consumo é amontoada no paiol à espera de compradores, por um período máximo de 15 dias, tendo em vista a sua perecibilidade. Os custos da sacaria e ensacagem ocorrem por conta dos compradores.

O transporte, portanto é efetuado por terceiros, aumentando os custos e influenciando nos preços. Os tipos de rodovias nas quais os compradores transitam pode constituir-se uma restrição a comercialização. Na maioria das vezes, as principais vias só vão até as entradas das propriedades. Os caminhões vão até aí e a produção tem que ser retirada em carro-de-boi, a pé ou usando animais. O tipo mais comum é o "Cabeceiro", ou seja, carrega-se a produção na cabeça até os caminhões.

O grave problema da batata-semente, foi em parte, solucionado após a construção da CIBRAZEN (no município de Esperança), uma unidade frigorífica para armazenagem das batatas selecionadas pelos produtores para o plantio no ano seguinte. A CIDAGRO também tem importante participação neste processo, pois além de classificar mecânicamente a batata para semente, realiza importações quando este mesmo não é encontrada na região em quantidade suficiente.

Logo após a classificação, a batata-semente é condicionada em caixa plástica com capacidade para 30 kg e levada para o armazém frigorífico da CIBRAZEN onde são guardadas a uma temperatura

ra que varia de 4 a 6 graus centígrados. (Ver anexo VI).

Outro problema muito ligado a estrutura fundiária é o número insuficiente de cabeças de gado, criado em postos cercados, o que os obriga a compra de esterco no Cariri e no Curimataú. A falta de capital é o maior problema do produtor, a falta de qualidade do produto também é preocupante, pois na sua maioria os agricultores fazem uma seleção negativa das sementes, guardando as batatas pequenas para a reprodução e vendendo as graúdas.

Os altos custos de produção, a dificuldade de obter crédito, a submissão do agricultor a uma cadeia de comercialização que lhe é inteiramente desfavorável, tem desestimulado inúmeros produtores de batatinha, levando-as as lavouras tradicionais do milho, feijão e mandioca, cujos custos são muito mais baixos, portanto, mais coerentes com a situação de pequenos produtores.

A política agrária realizada em função da produção da batatinha, representa em última análise, a penetração do capitalismo no campo, o que leva a formação de um número menor de agricultores cujas plantações mostram maior rendimento por hectare, manifestando-se tendência a concentração de renda e propriedade. Assim, se por um lado se deleneia a "aburguesamento" de uma fração da população, de que o crescimento urbano e comercial da cidade é indicativa, vem ocorrendo por outro lado uma gradativa proletarização de grande parte dos produtores. Em razão deste processo, forma-se uma importante reserva de mão-de-obra a ser empregada, em parte, localmente, contribuindo o excedente para a intensificação do êxodo rural.

A expansão da pecuária mostra que esta sociedade está resistindo cada vez menos ao processo de capitalização do campo. Entretanto, apesar de existir uma penetração crescente do capita -

lismo na produção da batatinha, em lugar de determinar a extinção de formas de produção não capitalistas, gera um capesinato pamperizado. A continuar este processo a tendências será o aumento do tamanho das propriedades, a redução da população rural e o aumento dos desempregados ou semi-empregados na periferia da cidade.

Apesar de todos estes problemas, a batatinha propiciou ao pequeno produtor, satisfazendo a sua subsistência uma renda adicional que mesmo pequena é responsável pelo desenvolvimento de Esperança que é sensivelmente maior que as cidades vizinhas, tem comércio ativo e razoavelmente diversificado, agências bancárias (Bando do Brasil, Banco do Estado, Caixa Econômica Federal) agência de redes de transportes (Empresa Viação Passos, Empresa Viação São José), escolas primárias e secundárias, Grupos Escolares, Colégio Estadual e Institutos particulares), hospital (Maternidade de São Francisco, Hospital Geral de Esperança e Sesp), mercados (Boa Esperança, Serve Bem) e movimentada feira semanal que se organiza aos sábados e quartas-feiras em torno do mercado público.

Exerce papel regional muito importante, pois polariza uma região agrícola rica e densamente povoada. Sua área de influência se estende, principalmente Areial, Arara, Remígio, Alagoa Nova e Lagoa de Roça. Destes municípios, compra através de intermediários a produção e presta serviços a sua população. Muito ligada a Campina Grande, funciona como centro redistribuidor de produtos industriais e até mesmo de alguns produtos agrícolas. Entretanto, a maior parte da produção agrícola regional é observada por Campina Grande que é incontestavelmente centro da região do Agreste da Borborema.

CONCLUSÃO

No presente trabalho procuramos mostrar a formação de Esperança, condicionada a uma estrutura agrária latifundiária, ligada aos primeiros sesmeiros e as lidas de gado.

A fazenda da qual o núcleo nascente é totalmente dependente, é quase auto-suficiente, embora com a função de abastecer as zonas adjacentes de carne.

A economia algodoeira e a do fumo consolidaram uma economia monetária que proporcionou maior desenvolvimento urbano a cidade. Sabe-se então que no início do século XIX, Esperança desenvolveu-se economicamente em função da mandioca, algodão e fumo. Devido a tais fatos a população esperaneense viu surgir novas avenidas, praças, redes escolares, maior quantidade de pavimentações nas ruas, iluminação pública, modernizada em máquinas de equipamentos para os serviços urbanos, implantações de geleiras fluviais, enfim, uma nova esperança.

Entretanto a proximidade da cidade de Campina Grande, que absorvia a maior parte da produção algodoeira da região, impediu a sua consolidação como centro polarizador da região.

A saída para a cidade no século XX foi a plantação da batatinha. A estrutura fundiária da região, com pequenas propriedades de 10 hectares era propícia ao seu cultivo.

Entretanto os altos custos de produção, a exiguidade de terras, a dificuldade de obter créditos, a submissão do agricultor a uma comercialização que lhe é inteiramente desfavorável, tem desestimulados inúmeros pequenos produtores de batatinha que têm preferido voltar-se mais para as agriculturas tradicionais.

A penetração do capital no campo com a exigência de financiamento, a utilização de insumos e a ligação com a rede de comercialização, leva à formação de um número bem menor de agricultores cujas plantações mostram elevados rendimentos por hectares.

Assim, se por um lado se delencia o "aburguesamento" de uma fração reduzida da população, por outro lado, vem ocorrendo uma gradativa proletarização da maior parte dos produtores. Entretanto, diante de todo contexto, podemos enfatizar que Esperança tem de certa maneira conseguido grande notoriedade através de sua produção de "batatinha", tendo em vista o solo (arenoso) e o clima (suave 17°C a 30°C) serem satisfatório para o plantio da cultura. Apesar dos problemas já citados no texto, esta é considerada como uma das melhores do Estado em qualidade e representa a cultura de maior renda e expressão, chegando até mesmo a transformar o município na maior região produtora de batata da Região Agrestina. Mesmo entre as médias e grandes propriedades há uma tendência para a utilização da pecuária em vez da batatinha, o que demonstra que a sociedade está resistindo cada vez menos ao processo do Capitalismo no Campo.

Hoje se percebe que Esperança de certo modo, apesar de seu crescimento, "estagnou", isto porque o capital financeiro ia gerando uma maior produção de batata, logo esta passou a substituir as antigas relações comerciais como: a fábrica de tecidos de algodão, a fábrica de tecelagem de redes e cobertores de fios, a fábrica de sapatos, a fábrica de fogos de artifícios e a Companhia do Nogueira dos Santos Ltda (SISAL), que antes eram a base econômica do município.

BIBLIOGRAFIA

ALMANAQUE, da Paraíba. João Pessoa-Editora Almanaque da Paraíba Ltda. 1973. p.17-72. (Infelizmente não conseguimos o livro de Coriolano de Medeiros e usamos a citação extraída do Almanaque).

ANDRADE, Manuel Correia. Homem no Nordeste. São Paulo, Brasiliense. p.160-165, 1984, e a Pecuária no Agreste Pernambucano, (Recife). 1961.

ARAÚJO, Marta Lúcia. Formação e Evolução Sócio-Esconômico do Município de Campina Grande. 1980. p.18.

CÍVICA, Victor. Conhecer Universal. São Paulo. 1982. p.126.

CAVALCANTI, Waldomiro. A Formação Econômica do Nordeste. Universidade Católica. Recife. 1977. p.9.

CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. Departamento de Publicidade de João Pessoa-PB. 1942. p.39.

COSTA, Everaldo Dias. Arquivo Paroquial de Esperança. 1962. p. s/nº (Datilografado).

COBBE, Roberto Vicente, EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Brasília, 1985. p. 1-2.

ÍNDIOS, Cariris. (ou Tristonhos). Jeneem segundo os etnógrafos, a um ramo diferentes da família dos Tabajaras e Potiguaras.

- JOFFLY, Irineu. Notas Sobre a Paraíba. Theasura Editora e Sistema Andro visuais Ltda. 1972. Brasília. p.365.
- MICHALANY, Douglas. Atlas Histórico Geográfico do Brasil. 2ª ed. Michaland. São Paulo. 1987. p.37-38.
- MARIZ, Celso. Evolução Econômica da Paraíba. União Editora. João Pessoa-PB. 1939. p.169.
- MOUSINHO, Everaldo. Cinquenta Anos de Emancipação Política de Esperança. João Pessoa-PB. Ed. Especial "Aspecto", (Revista). 1975. p. 10-19.
- MAGALHÃES, José Ronaldo. (Engº Agrônomo). Livraria Nobel. São Paulo. 1985.
- OLIVEIRA, Francisco. Elegias para uma Religião. Ed. 1ª Paz e Terra. 1977. Rio de Janeiro. p.41.
- SUDENE, PNUD, BANCO MUNDIAL. Estudo da Comercialização da Batatinha. (Município de Esperança-PB). Recife, 1984. p.11-28.
- SOBRINHO, Reinaldo de Oliveira. Esboço de Monografia do Município de Areia. João Pessoa-PB. Imprensa Oficial. 1988. (Coleção e Arquivo Paraibano). p.124-125.
- SOARES, Sidney. Sua História e Gente. Editada em Comemoração ao 1º Aniversário de Fundação do Estado da Paraíba nos vinte e três anos de luta e glória do "Correio da Paraíba". João Pessoa-PB. 1967. Dicionário Corográfico da Paraíba. p.188.

SOARES, Viana Galliza. O Declínio da Escravidão na Paraíba. 1850-1888. Editora Universitária-UFPB. João Pessoa. 1979. p. 24-30.

VARGAS, Getúlio. Projeção da Oferta e Procura dos Produtos Agrícolas do Brasil. Ed. I. 1966. p.86.

FONTES PRIMÁRIAS ORAIS - Entrevistas com: Marinaldo Elias Batista, Agrônomo, gerente de comercialização do Brejo Paraíba no de Batata Inglesa; Luis Martins de Oliveira (Prefeito) ; Julieta Dantas da Silva (proprietária e produtora de batata); Antonio de Azevedo; Severino Batista da Silva; José Viturino Duarte (produtores de batata inglesa); Celita (Tabeliã do Cartório local e produtora de batata).

NOMENCLATURAS

CAMEL

- Cooperativa Mista dos Produtores de Esperança Ltda.
Vem praticamente operando apenas como fornecedora de insumos sem se envolver na comercialização da produção.

EMATER, COOPERATIVA, CIDAGRO - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agropecuário da Paraíba.

A batata é classificada mecanicamente, em processo baseado na passagem do produto através de peneiras de malhas diferentes..

EMATER-PB e na APROBAPA - Associação dos Produtores de Batata da Paraíba.

CIBRAZEN

- Frigorífico do Município de Esperança.

Unidade frigorífica para a armazenagem das batatas selecionadas pelos produtores para o plantio no ano seguinte.

CEASA

Campânia Brasileira de Armazenamento

cimento

ZIMM

*Companhia Estadual de Abaste-
cimento*

Serviço de Informações de Merc-
cado

A N E X O S

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO - PRODUTOR

Distância para a sede:

1) Nome

- . Lugarejo
- . Categoria quanto a posse da terra
- . Tamanho da propriedade onde produz
- . Volume de produção
- . Tempo em que está nesta atividade
- . É associado a alguma cooperativa?

Quanto tempo?

Por que?

2) Venda da Produção

- . O senhor procura o comprador e/ou já tem um certo?
(no caso de cooperativa, como é feito o fluxo)
- . Seu vizinho vende ao mesmo comprador?
- . O senhor já vendeu na feira? Há vantagens?
- . O senhor classificou a sua produção?
Por que?
- . O senhor vende tudo de uma vez?
Em qual época?
Por que?
- . O senhor financia sua lavoura?
De qual forma?
- . -Quanto pretende produzir o ano que vem?
(Volume e área)

3) Estrutura de Preços

- . Como é que o senhor dá o preço a seu produto?
- . Quais são as condições de pagamento?
- . O senhor tem acesso a informação de preços?
- . Já recebeu alguma orientação sobre a comercialização?

4) Tecnologia de Produção

- . Usa mesmos fertilizantes e defensivos?
- . Por que?
- . Armazena o produto?
Por quanto tempo?
Por que?
- . Transporte da produção (próprio, tipo, etc)?
Usa mão-de-obra particular ou aluguel?
- . Usa equipamentos?
- . Tem custo com embalagem?

5) Aspectos Sociais

- . Tem amizade com o comprador?
- . Qual o tipo de problema que tem nesta atividade?

6) Sugestão do produtor para melhorar a comercialização.

ANEXO II

QUESTIONÁRIO - ATACADISTA OU VAREJISTA

1) Nome

- . Atividade
- . Lugar onde atua

2) Aquisição da mercadoria

- . Onde adquire e de que forma?
- . De quem?
E de quantos?
- . Qual o volume que comercializa?
- . Quanto paga?
Como paga?
- . Como é feito o transporte?
Armazena?
Quanto tempo?
Por que?
- . Classifica?
Por que?
- . Acrescenta algum benefício ao produto (padronização, embalagem, etc);
- . Qual o problema, atualmente, da atividade?
- . Qual os principais custos?

3) Revenda

- . Para onde?
- . Para quem?
- . Como estipula o preço?

- . Qual é a forma de pagamento?
- . Tem informação de mercado?
- . Quantos colegas tem no ramo?
- . Como é o relacionamento?

4) Integração da Produção e Comercialização

- . O senhor também planta?
- . Qual é a área?
- . É própria?
- . Financia a horta ou oferece insumos?
- . Que tipo de acordo existe?
Qual vantagem?
- . Por que entrou no ramo?
- . Quanto tempo?

5) Sugestão para resolver seus problemas:

ANO 1988

PRODUTO: Batata Inglesa

Nome do(s) Mutuário(s): Virgínio Gomes Neto

Bezerra Cavalcanti

Manoel Clementino Araújo

Daniel Vieira da Costa

Cícero Joaquim dos Santos.

Custeio da Safra de 1987

Encargos Financeiros

Juros de 3% a. ano

Custeio da Safra de 1988

Encargos Financeiros

Juros de 7% a. ano

OTN - Correção monetária

BATATA INGLESA

JOSÉ ANDRADE DO AMARAL
 JOSÉ ANTONIO PEREIRA
 JOSÉ ARIMATRIA DOS SANTOS
 JOSÉ BARBOSA MEIRA
 JOSÉ BASILIO DA SILVA
 JOSÉ ERAGA COSTA
 JOSÉ CARLOS DE ASSIS
 JOSÉ CASSIANO DE ASSIS
 JOSÉ CASSIANO DO NASCIMENTO
 JOSÉ DAMIAO DOS SANTOS
 JOSÉ DE ANDRADE
 JOSÉ DE OLIVEIRA
 JOSÉ DIAS DE ARAUJO
 JOSÉ DO PATROCINIO BRANDAO
 JOSÉ ELIAS DOS SANTOS
 JOSÉ FELICIANO DE ALMEIDA
 JOSÉ FERNANDES NETO
 JOSÉ FRANCISCO DE LIMA
 JOSÉ GONCALVES DA CUNHA
 JOSÉ JUSTINO FERREIRA
 JOSÉ LUIZ FILHO
 JOSÉ MARTINS
 JOSÉ MARTINS DOS SANTOS
 JOSÉ MARTINS FIRES
 JOSÉ NOGUEIRA DOS SANTOS
 JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA
 JOSÉ SOARES DA SILVA
 JOSÉ VIEIRA DA SILVA
 JURACY DE ASSIS SANTOS
 LAURINDO ALVES VIEIRA
 LUIZ ALVES DOS SANTOS
 LUIZ FERNANDES DA SILVA
 LUIZ JOSÉ DE ANDRADE
 LUIZ JOSÉ DE LIMA
 LUIZ PEREIRA DE ARAUJO
 LUIZ VIEIRA
 LUIZ VIRGOLINO DE MOURA
 MANOEL ADONIAS LEANDRO
 MANOEL CANDIDO
 MANOEL CANDIDO PEDRO
 MANOEL CASSIANO DE ASSIS
 MANOEL CASSIANO DE ASSIS FILHO
 MANOEL CLEMENTINO DE ARAUJO
 MANOEL DA COSTA RAMOS
 MANOEL ELEUTERIO DA SILVA
 MANOEL FELIPE DINIZ
 MANOEL FLORENTINO DE SOUZA
 MANOEL PEREIRA DE LIMA
 MANOEL PORTO PEREIRA DA COSTA
 MANOEL VITAL DUARTE
 MANOEL JOAO DOS SANTOS
 MARIA BATISTA DE ARAUJO
 MARIA JOSE FERNANDES DA COSTA

MARIA SANTIAGO DE ARAUJO
 MATIAS GRANJEIRO
 MATIAS SEVERINO RIBEIRO
 NELSON ANTONIO DA COSTA
 NIVALDO MORENO DE MAGALHAES
 ODILON VIEIRA DA COSTA
 OLAVO MARCOS SALES
 OLIVIA MARIA DOS SANTOS
 ORLANDO DOS SANTOS
 PAULO VICENTE PEREIRA
 PEDRO AMANCIO
 PEDRO DARIO DOS SANTOS
 PEDRO FREIRE SOBRINHO
 PEDRO LAZARO FERREIRA
 PEDRO RAIMUNDO DE LIMA
 RAFAEL ATAIDE CANDIDO
 RAIMUNDO FERNANDES DOS SANTOS
 REFAEL SEBASTIAO DOS SANTOS
 ROBERTO ALVES DE OLINDA
 ROSA DE ARAUJO
 SEBASTIANA JORGE DE ARAUJO
 SEBASTIAO AMANCIO DE ARAUJO
 SEBASTIAO CANDIDO RIBEIRO
 SEBASTIAO FERNANDES SOBRINHO
 SEBASTIAO INACIO NETO
 SEBASTIAO LIRA DA COSTA
 SERGIO VITORIO DA SILVA
 SEVERINO BARBOSA REGIS
 SEVERINO CARLOS DE ASSIS
 SEVERINO CLEMENTINO DE MELO
 SEVERINO FLORENTINO DE SOUSA
 SEVERINO GOMES DOS SANTOS
 SEVERINO JOSÉ DA SILVA
 SEVERINO JOSÉ DE LIMA
 SEVERINO PATRICIO FILHO
 SILVINO ALVES TITO
 ULISSES LOURENCO DE ANDRADE
 VALDENAR BATISTA DE OLIVEIRA
 VIRGINIA AUGUSTO DA SILVA
 VIRGINIO GOMES NETO
 VIRGOLINO ALVES DA ROCHA
 ZENOCIO FELIX DA COSTA

PRODUTO

NOME DO MUTUARIO

NOME DO MUTUARIO

BATATA INGLESA

ADALTO ALVES PEQUENO
 ADAO FRANCISCO FELIX
 ADEMAR PEREIRA DE ARAUJO
 ADERITO JOMES DA ROCHA
 ALBERTINA MIRANDA DOS SANTOS
 ALCIDES ALVES DA ROCHA
 ANICETO HANSEL DOS SANTOS
 ANTONIO ABIGAIL BATISTA CARLOS
 ANTONIO AGAIL BATISTA CARLOS
 ANTONIO ALFREDO DOS SANTOS
 ANTONIO AMANCIO SOBRINHO
 ANTONIO BARBOSA DE MELO
 ANTONIO BELARMINO PEREIRA
 ANTONIO COSTA DE OLIVEIRA
 ANTONIO DIAS DO NASCIMENTO
 ANTONIO FELIPE DOS SANTOS
 ANTONIO FELIX DA COSTA
 ANTONIO FERNANDES DA CUNHA
 ANTONIO JOAQUIM DE ANDRADE
 ANTONIO JOSE DOS SANTOS
 ANTONIO LUIZ DE ARAUJO
 ANTONIO MOISES VICENTE
 ANTONIO PEREIRA DE ARAUJO
 ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS
 ANTONIO PEREIRA PORTO
 ANTONIO SEBASTIAO DA SILVA
 ANTONIO VIEIRA DA SILVA
 ANTONIO VIRGENIO DA SILVA
 ARMANDO ABILIO VIEIRA
 ASCENDINO RICARDO DA SILVA
 BARTOLOMEU VIEIRA
 BENEDITO JOAQUIM DA COSTA
 BERNARDO PEREIRA CAVALCANTE
 BERTO ANISIO DA COSTA
 CICERO AMANCIO
 CICERO CLEMENTINO DA SILVA
 CICERO CLEMENTINO DOS SANTOS
 CICERO JOAQUIM DOS SANTOS
 CICERO PAZ DA SILVA
 CICERO VIEIRA DA COSTA
 CLEMENTINO AUGUSTO DE SALES NETO
 DANIEL VIEIRA DA COSTA
 DIJAREAS BEZERRA CAVALCANTE
 DIJAREAS BEZERRA CAVALCANTE
 DOMINGOS FREIRE DE ARAUJO
 DORIVAL CANDIDO CABRAL
 EDILSON JORGE DO NASCIMENTO
 ELIETE DOS SANTOS JANUARIO
 ERNANDES SACERDOTE DOS SANTOS
 ESPERIDIAO VIEIRA CARDOSO
 EUCLIDES FERNANDES
 FERNANDO BEZERRA CAVALCANTE
 FERNANDO PEREIRA DE ARAUJO

FIAMINO JUVENIANO DOS SANTOS
 FRANCISCO ANTONIO BARBOSA LEITE
 FRANCISCO DE ASSIS BELARMINO
 FRANCISCO DE ASSIS CLEMENTINO DE MELO
 FRANCISCO DE ASSIS DOS SANTOS
 FRANCISCO DE ASSIS SILVA
 FRANCISCO PEREIRA DOS SANTOS
 FRANCISCO VIEIRA DA COSTA
 GENILDO VASCONCELOS CUNHA
 GERALDO CARDOSO DA SILVA
 GERALDO DA SILVA
 GERALDO FAUSTINO DA COSTA
 GERALDO FIRES TORRES
 GERALDO GONCALVES DA ROCHA
 GERALDO MANTENS DOS SANTOS
 GERALDO MARTINS FILHO
 GERSON DE ARAUJO
 GILBERTO JOAQUIM DA COSTA
 GILBERTO JOAQUIM DA COSTA
 GUTENBERG GONCALVES DOS SANTOS
 HELENA FELIX DA COSTA
 HERMES DIAS DE ARAUJO
 INACIA BATISTA PEREIRA
 INACIO BATISTA DE OLIVEIRA
 INACIO DANIAO DOS SANTOS
 INACIO FELIPE DE BARROS
 INACIO JOMES DA SILVA
 INACIO HERCULANO DA SILVA
 INACIO PEREIRA DA COSTA
 INACIO PEREIRA DOS SANTOS
 INACIO SEVERINO DOS SANTOS
 IRINEU FERNANDES DE OLIVEIRA
 JAIME BENTO DE OLIVEIRA
 JOAO CANDIDO NETO
 JOAO APOLINARIO DA COSTA
 JOAO AUGUSTO ALVES
 JOAO AUGUSTO DOS SANTOS
 JOAO BATISTA DA SILVA
 JOAO BATISTA ENEAS
 JOAO DE DEUS ASSIS
 JOAO DE DEUS TOMAZ DA SILVA
 JOAO JOMES BARBALHO
 JOAO JORGE SOBRINHO
 JOAO JOSE CAVALCANTE
 JOAO TARSINO DA SILVA
 JOAO VAZ DE SOUTO
 JOAQUIM CLEMENTINO DA SILVA
 JOAQUIM CLEMENTINO DOS SANTOS
 JOAQUIM DA COSTA
 JOSE ADEMAR DO NASCIMENTO
 JOSE AGAILTON BATISTA CARLOS
 JOSE ALVES DA ROCHA
 JOSE ALVES PEQUENO

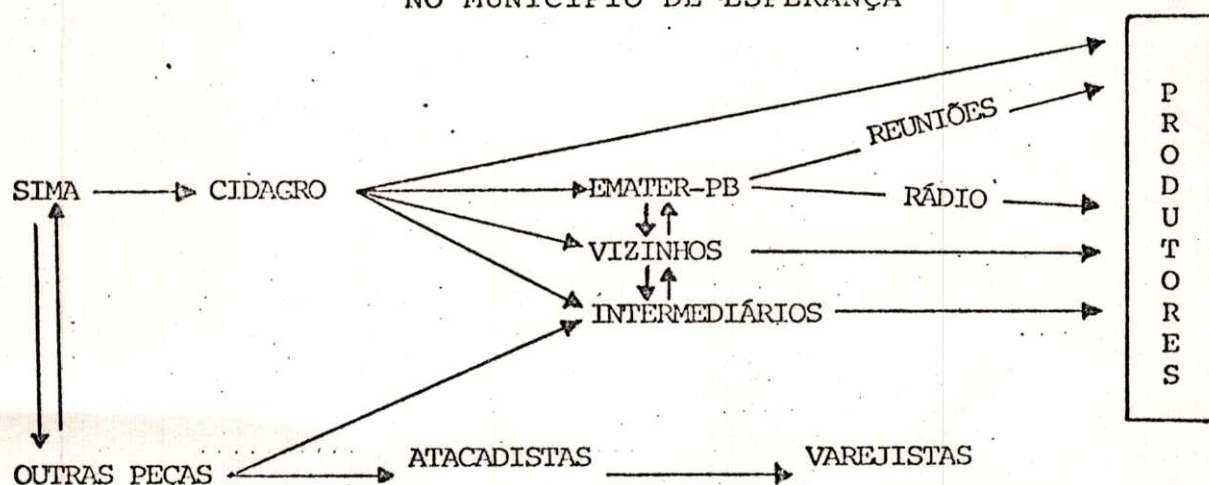
MARÇO/1968

ANEXO IV

o que contribui para ação dos intermediários e impede os produtores de obterem uma melhor participação na margem bruta de comercialização do produto em pauta, inclusive por efetuar a colheita antecipadamente e ter que efetuar a venda imediatamente após a colheita.

9 - INFORMAÇÃO DE MERCADO

FLUXO DE INFORMAÇÃO DE MERCADO NA COMERCIALIZAÇÃO DA BATATA NO MUNICÍPIO DE ESPERANÇA

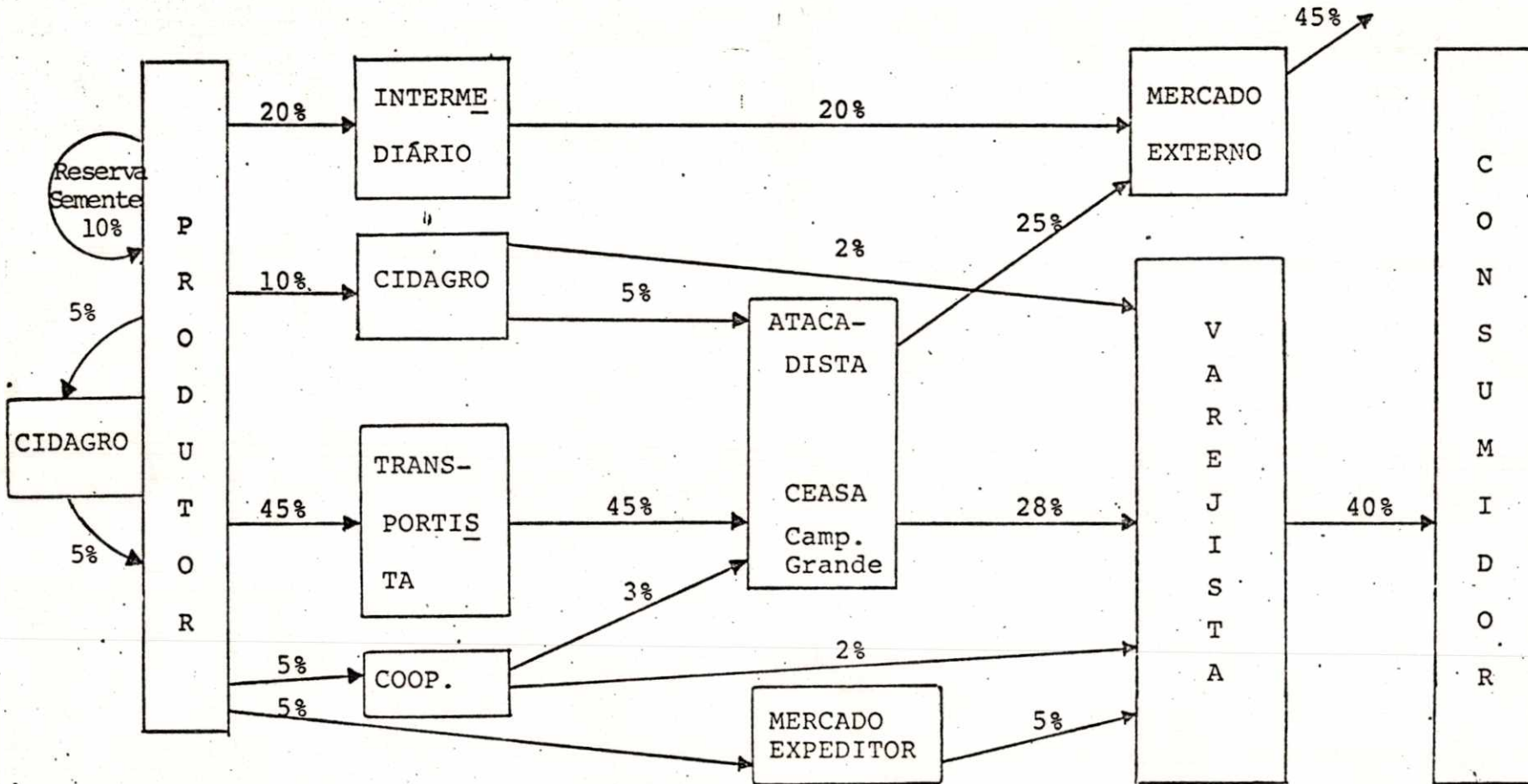


O fluxograma acima nos oferece as principais fontes de informação de preços da batata nos vários canais de comercialização existentes. Os produtores de batatas do município de Esperança obtêm, em sua grande maioria, informações de preços através do rádio (programa realizado por extensionista da EMATER-PB todas as quartas-feiras), através das reuniões com os extensionistas da EMATER-PB, com vizinhos produtores, com os intermediários e com os técnicos da CIDAGRO. Estes por sua vez obtêm as informações de preços através do SIMA (Serviço de Informação de Mercado) e repassa para quase todos os agentes que atuam nos canais de comercialização. No caso dos intermediários e atacadista, as informações de preços são obtidos, basicamente, através de intermediários e atacadistas de outras praças. Quanto aos varejistas, as informações de preço provêm, quase que exclusivamente, dos atacadistas.

ANEXO V

QUADRO V

2 - FLUXOGRAMA DA COMERCIALIZAÇÃO DA BATATA NA SUBÁREA DO BREJO PARAÍBANO



O Fluxograma foi elaborado com base nas observações feitas através da pesquisa in loco pela equipe, e nas informações obtidas com a EMATER-PB. Consta no fluxograma as principais formas de compra e venda na comercialização da batatinha. Os quadrados indicam os pontos de transações nos canais, e nas linhas de ligação estão indicados os percentuais do volume que se movimenta em cada canal.

ANEXO VI

ARMAZÉM FRIGORÍFICO DE ESPERANÇABATATAS-SEMENTE FRIGORIFICADAS NOS EXERCÍCIOS DE 78/79 A 86/87

EXERCÍCIOS	CIDAGRO	COOPERATIVA	E M E P A/PB	EMBRAPA	PRODUTOR	TOTAIS (Quilos)	T O T A L PRODUTORES
1978/1979	149,340	-	-	-	-	149,340	-
1979/1980	315,180	-	-	14,495	176,195	505,870	143
1980/1981	19,620	-	8,020	-	331,505	359,145	175
1981/1982	113,310	-	1,520	-	325,411	440,241	227
1982/1983	193,230	2,500	15,011	-	323,080	534,621	203
1983/1984	76,080	-	5,475	-	559,795	641,350	259
1984/1985	285,390	-	-	-	598,795	884,185	228
1985/1986	-	-	170	-	860,287	860,457	339
1986/1987	60,000	-	-	-	1.020,765	1.080,765	479
TOTAIS:-	1.212,150	2,500	30,196	14,495	4.196,633	5.455,974	2.053

JO/Jo.-



João de Oliveira
Gerente